

EPISTEMOLOGIA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES PARA UM HUMANISMO DIGITAL

EPISTEMOLOGÍA Y EDUCACIÓN: REFLEXIONES PARA UN HUMANISMO DIGITAL

EPISTEMOLOGY AND EDUCATION: REFLECTIONS FOR A DIGITAL HUMANISM



Fernando BATTISTI¹
e-mail: fernando@uri.edu.br



Elisabete CERUTTI²
e-mail: beticerutti@uri.edu.br

Como referenciar este artigo:

BATTISTI, F. CERUTTI, E. Epistemologia e educação: Reflexões para um humanismo digital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023148, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18i00.16788>



| **Submetido em:** 24/05/2022
| **Revisões requeridas em:** 02/03/2023
| **Aprovado em:** 19/08/2023
| **Publicado em:** 21/12/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen – RS – Brasil. Professor pelo Departamento de Ciências Humanas e coordenador do Núcleo de Inovação Acadêmica. Doutorado em Educação (URI).

² Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen – RS – Brasil. Professora dos cursos de graduação e PPGEDU. Doutorado em Educação (PUCRS).

RESUMO: Este estudo tem por objetivo apresentar o conceito de Humanismo Digital, mediante a necessidade emergente de um sentido epistemológico para as práticas educativas no contexto das múltiplas relações humanas que possuem vivências com as tecnologias digitais. A proposta aprofunda o sentido de um Humanismo Digital, por meio da compreensão de um novo humanismo, da cibercultura e da complexidade das práticas educativas na relação entre o físico e o digital, no processo de ensino e de aprendizagem. O trabalho tem caráter qualitativo e hermenêutico, com uma compreensão dialética. Os caminhos da pesquisa dialogam, inicialmente, sobre o sentido da gnosiologia filosófica demonstrado pelas teorias do conhecimento ao longo do tempo, com ênfase da modernidade. Posteriormente, o entendimento da concepção de um novo humanismo contemporâneo nas relações sociais, em especial, no fazer pedagógico diante da cibercultura e da complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: Humanismo Digital. Epistemologia. Cibercultura.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo presentar el concepto de Humanismo Digital, a través de la necesidad emergente de un sentido epistemológico para las prácticas educativas en el contexto de múltiples relaciones humanas que tienen experiencias con las tecnologías digitales. La propuesta profundiza el sentido de un Humanismo Digital, a través de la comprensión de un nuevo humanismo, la cibercultura y la complejidad de las prácticas educativas en la relación entre lo físico y lo digital, en el proceso de enseñanza y aprendizaje. El trabajo tiene un carácter cualitativo y hermenéutico, con una comprensión dialéctica. Los caminos de investigación dialogan, inicialmente, sobre el sentido de la gnoseología filosófica demostrado por las teorías del conocimiento a lo largo del tiempo, con énfasis en la modernidad. Posteriormente, la comprensión de la concepción de un nuevo humanismo contemporáneo en las relaciones sociales, en particular, en el trabajo pedagógico frente a la cibercultura y la complejidad.

PALABRAS CLAVE: Humanismo Digital. Epistemologia. Cibercultura.

ABSTRACT: This study aims to present the concept of Digital Humanism, through the emerging need for an epistemological sense for educational practices in the context of multiple human relationships that have experiences with digital technologies. The proposal deepens the sense of a Digital Humanism, through the understanding of a new humanism, cyberculture and the complexity of educational practices in the relationship between the physical and the digital, in the teaching and learning process. The work has a qualitative and hermeneutical character, with a dialectical understanding. The research paths dialogue, initially on the meaning of philosophical gnoseology demonstrated by theories of knowledge over time, with an emphasis on modernity. Subsequently, the understanding of the conception of a new contemporary humanism in social relations, in particular, in pedagogical work in the face of cyberculture and complexity.

KEYWORDS: Digital Humanism. Epistemology. Cyberculture.

Introdução

O presente estudo apresenta a concepção de “Humanismo Digital”, a partir de sentido epistemológico nas práticas educativas contemporâneas. A intencionalidade deste estudo envolve a formação docente e o uso das TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) diante do contexto de cibercultura. Inicialmente, questiona-se: qual o sentido desse denominado Humanismo Digital no processo de ensino e de aprendizagem contemporâneo? Tais interrogações farão parte da prática docente diante da complexidade dessas relações humanas na educação?

Sabe-se que as modificações presentes ao cenário educacional contemporâneo, nos seus diferentes níveis, têm sido marcantes com a relação das tecnologias e o meio educacional vivenciado pela comunidade nos diferentes segmentos de ensino. Assim, é necessário observar os novos tempos e espaços de aprendizado como uma característica essencial aos diferentes contextos pedagógicos contemporâneos, sendo pertinente uma ressignificação dos espaços na construção dos saberes e da organização dos meios e fins do ato cognitivo imerso no contexto sociocultural que permeia a educação.

As possibilidades dessa análise partem de pressupostos que contextualizam o fazer pedagógico no cotidiano do docente e nas suas diferentes ações pedagógicas. Freire (1996) já incitava a reflexão em pensar a educação no processo de formação do “ser professor” para que ela não seja uma atividade de mera transmissão de conhecimento e, sim, a criação de possibilidades para sua própria produção ou construção.

A partir dessa análise do contexto sociocultural, procurando refletir sobre as relações humanas, emerge uma concepção de acordo do que consideramos ser o “Humanismo Digital”. Para isso, é primordial entender os elementos fundantes do sentido filosófico de uma epistemologia que se apresenta para a docência no contexto de cibercultura e de Humanismo Digital que se tem evidenciado.

Ampliar o diálogo sobre as perspectivas nas concepções da educação a partir da cibercultura, ciberespaço e Inteligência Coletiva, orientados por Pierre Levy (1999), espelhar a relação do “fazer” humano pedagógico e dialogar com o contexto de formação docente diante das complexas transformações vivenciadas pelos estudantes é o que movimenta este estudo.

Como pesquisa apresentada, nosso estudo segue uma metodologia bibliográfica, com enfoque qualitativo, de caráter hermenêutico e dialético. Discute essencialmente o conceito de “Humanismo Digital” na perspectiva educacional inerente ao fazer pedagógico.

Entendemos que, diante de um contexto em que os tempos e espaços de construção da aprendizagem são demarcados pela constante presença do digital em um mundo híbrido, no qual é inseparável uma prática pedagógica de forma fragmentada do real e do virtual, faz-se essencial aprofundar o “Humanismo Digital” na perspectiva de entendimento dos seus fundamentos epistemológicos.

Epistemologia e Educação: um resgate filosófico necessário

As mudanças do contexto tecnológico atingem diretamente a comunidade educativa. Isto é fato incontestável e, por isso, é preciso repensar os processos educacionais. Como afirma Morin (2002), ao repensar o processo de ensino, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que “vale a pena” fazer para aprender, juntos ou separados, é um desafio permanente ao professor.

Tais mudanças fazem parte de uma reconstrução das vivências humanas e do que podemos apresentar como uma característica do que chamamos de “Humanismo Digital” na educação. Na busca de entendimento mais profundo dessa compreensão, é preciso retomarmos filosoficamente as bases das teorias do conhecimento.

Evidentemente, essa forma de compreensão, a partir do conceito do “Humanismo Digital”, perpassa por uma análise mais complexa, no âmbito de um entendimento filosófico sobre os elementos epistemológicos a serem abordados quando olhamos a ação educativa na contemporaneidade. Na tentativa de fazer um caminho de estudo coerente ao desafio apresentado, escolhemos trazer os elementos epistemológicos e filosóficos que emergiram na gnosiologia das épocas filosóficas. Nossa missão seria quase impossível se a tentativa fosse de trazer todos os elementos filosóficos que compõem a gnosiologia. Por isso, optamos por apresentar um diálogo com alguns dos expoentes das teorias do conhecimento filosófico, com ênfase a partir da Modernidade.

Desde o Renascimento, que foi marcante para uma mudança paradigmática, na forma de conceber e entender o mundo, no que chamamos de Filosofia Moderna, a perspectiva antropocêntrica e o desenvolvimento de uma epistemologia moderna foram marcos ao processo educativo que irá seguir nos séculos subsequentes.

As reflexões da Modernidade trouxeram à Filosofia um caráter humanitário antropocêntrico, no qual foi marcante a compreensão do mundo moderno, a partir do avanço científico e do desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido, a Filosofia teve seu olhar

gnosiológico evidenciado à tentativa de compreensão do humano. As concepções modernas desenvolveram as ideais racionalistas, empiristas, do criticismo, e promoveram um debate em torno da questão do conhecimento humano (REALE, 2003).

A perspectiva racionalista afirma a construção do conhecimento pela razão, que é pautar uma metodologia de análise das teorias do conhecimento que deveria desvincular-se da relação do conhecimento com os sentidos. Isto é, era preciso traçar um caminho no qual o conhecimento seria organizado na perspectiva da abstração racional, com a predominância das faculdades da mente humana para propiciar esse conhecimento. Neste ponto, é a mente humana, através da razão, que conhece, não sendo a experiência ponto de apoio para a promoção do conhecimento por ser falha e enganadora, de acordo com os racionalistas.

Descartes tem papel essencial na construção no homem e é só por meio do método racional, através da dúvida metódica, que se torna possível alcançar e fundamentar o conhecimento. Descartes em sua obra *Regras Para Direção do Espírito* (2003, p. 31) argumenta acerca da importância da constituição mental e sua inferência na construção do conhecimento: “Todo o método consiste na ordem e disposição dos objetos para os quais é necessário dirigir a penetração da mente, a fim de descobrirmos alguma verdade”. Ou seja, por meio do método racional, com a presença da dúvida cartesiana, o conhecimento vai acontecendo, sendo que os sentidos e a perspectiva empírica são falsos e enganosos.

Enquanto uma construção epistemológica de entendimento desse humanismo digital que compõe a análise educativa, a concepção humanista perpassa também o viés moderno de racionalidade, em que os fundamentos antropocêntricos desde o renascimento até o iluminismo irão compor as matrizes reflexivas humanitárias. O ser humano é, a partir desta perspectiva moderna, colocado como centro das reflexões filosóficas. Tais abordagens perpassam a compreensão das relações humanas pensadas pelo viés da pessoa enquanto sujeito de ação e transformação.

Cabe ressaltar que a compreensão humanitária moderna é também ponto de crítica no que concerne às práticas educativas escolares quando determinam um caráter epistemológico de ordem extremamente racionalista e tradicional ao agir pedagógico.

Na Filosofia Contemporânea ampliam-se os debates em torno das teorias do conhecimento, nos quais os pensadores contemporâneos despertam para uma série de tendências filosóficas alinhadas às reflexões sobre o desenvolvimento das ciências modernas e também seus impactos na contemporaneidade. O olhar sobre o humano permeia todo esse

contexto que, no século XX, terá uma demarcação especial, pelo reflexo mundial dos grandes conflitos e sistemas sociais (REALE, 2003).

No que confere à tentativa de compreensão do humanismo nesse contexto filosófico, a perspectiva existencialista trabalhará o viés humano de formação humana, no qual a existência é a base da essência. Com a máxima de que “a existência precede a essência”, Sartre (1987) nos apresenta a compreensão humana.

Alinhados às reflexões educacionais, a contemporaneidade nos mostra uma compreensão gnosiológica com um destaque para o estudo do sujeito no processo de aprendizagem. Na tentativa de compreender tais proposições, vamos analisar a relação entre Filosofia e Educação, com a possibilidade de pensar o que representa a transição de uma tendência de olhar o processo do conhecimento mais como um formato mais tradicional para uma epistemologia que considera o sujeito ativo nesse processo de ensino e aprendizagem.

Filosofia e Educação: a conversão para uma epistemologia do sujeito ativo

A dimensão de um humanismo perpassa futuramente pela criação de hábitos de reflexão e autorreflexão vinculados na referência pessoal que, em nosso estudo, está vinculado a um contexto educacional de cibercultura, em que o humanismo digital irá conceber o sentido do fazer educativo diante da complexidade da relação híbrida entre o mundo real e o mundo digital.

A partir da constituição do conhecimento no viés da ação do sujeito educativo, é importante ressaltar as teorias da aprendizagem em que o sujeito educativo tem papel essencial na construção do saber. Uma destas teorias se inscreve no movimento da Escola Nova ou escolanovista, o qual surge no final do século XIX, com a perspectiva de propor novos caminhos para a educação. Para Aranha (1997), essa nova tendência veio a representar o esforço de superação da Pedagogia da essência pela Pedagogia da existência. Esta, voltada para o indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em um mundo dinâmico.

Na base de compreensão, a partir do sujeito ativo, o aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem, sendo priorizadas as condições de aprendizagem da criança. O professor se esforça por promover a atenção e a curiosidade do aluno, sem lhe tirar a espontaneidade. O foco não está na transmissão dos conteúdos de forma vertical, mas na construção do conhecimento a partir da perspectiva do aluno, vendo-o como sujeito no processo de aprendizagem.

Tendo em vista essa abordagem sobre as tendências de ensino, é explícita a revolução pedagógica com o deslocamento do professor como centro no processo de ensino para o aluno assumir o papel principal. Essa mudança de pressupostos com a passagem de uma visão centralizadora no professor para uma visão pautada nas condições do aluno, este como agente no processo de aprendizagem e participe direto na construção do ato pedagógico, suscita uma revolução nos métodos de ensino.

Nesta direção, diante do ambiente complexo vivido na sociedade contemporânea, que envolve preocupações educacionais de modo que professores e demais inseridos neste meio, procurem novas maneiras, novos métodos de ensinar, emergem alguns questionamentos: qual a importância e contribuição da autonomia para o aprendiz? Como desenvolver a autonomia no estudante?

Sobre a necessidade de mudança metodológica no ensino, Dalbosco (2011, p. 108), afirma que se vive em uma “[...] época movida pelo esclarecimento não podia mais aceitar que as crianças fossem tratadas como adultos em miniatura, pois, ao contrário, deveriam ser educadas para superar a condição de menoridade.”.

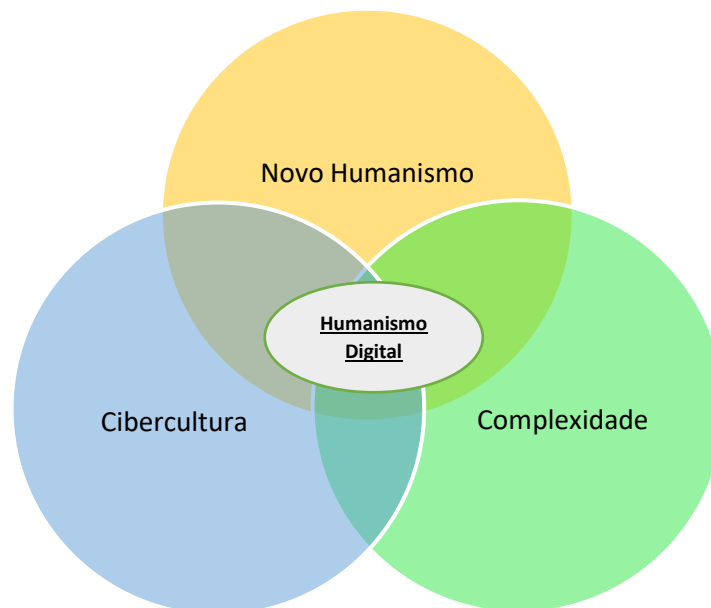
Diante deste complexo ambiente que envolve uma preocupação educacional, fazendo com que professores e todos os inseridos neste meio procurem novas maneiras, novos métodos de como ensinar algumas inquietações, todos no intuito de possibilitar novas abordagens sobre as políticas educacionais e a formação de professores. Tais proposições, no contexto contemporâneo, precisam ser pensadas a partir de um Humanismo Digital.

Contexto de cibercultura: um Humanismo Digital na educação?

As reflexões em torno da apresentação do conceito de Humanismo Digital na educação estão vinculadas ao contexto dinâmico que a educação vivencia e no qual o uso das tecnologias digitais está presente no cotidiano da comunidade educativa.

Essa constatação inicial retoma um sentido de um Humanismo Digital que ocorre como fruto de todo esse processo, mas que, diferente da concepção, fruto de um resultado, é vista enquanto processo contínuo. Inicialmente, para entender as bases do Humanismo Digital, buscaremos as fontes desse humanismo tendo como base o “novo Humanismo”, as construções da cibercultura e a vivência da complexidade no contexto de um mundo digital, conforme a figura 1:

Figura 1 – Humanismo Digital



Fonte: Elaborada pelos autores

Sendo assim, enquanto processo de humanização, para melhor entendimento da proposta desse novo conceito (Humanismo Digital) será necessário entender as relações do “novo humanismo”. Tapio Varis e Pérez Tornero (2012), nos trazem a ideia de novo humanismo na educação a partir da criação de uma sociedade mais inclusiva, em que é buscado que todos os seres humanos tenham a oportunidade de adquirir o conhecimento por meio de uma educação de qualidade.

As bases da concepção de Novo Humanismo apresentadas por Tapio Varis e Pérez Tornero (2012) estão na sociedade global, na qual é necessário dar prioridade e respeito à multiplicidade e diversidade cultural, apoiando o diálogo universal a partir de uma cultura de paz.

No entendimento do sentido de um Novo Humanismo, ampliam o debate em torno do sentido de uma alfabetização midiática, a qual, para ser alcançada, se faz a partir um pleno desenvolvimento individual do ser humano para desenvolver-se e ter autonomia no contexto midiático contemporâneo. Tapio Varis e Pérez Tornero (2012, p. 20): “[...] *y sto solo se conseguirá tomando base uma filosofia y un marco axiológico que coloquen a la persona*

humana – y su realización – en centro del sistema tecnológico, comunicativo, social y cultural. Es esa filosofía a la que denominamos nuevo humanismo³”.

No entendimento de Novo Humanismo diante das concepções filosóficas já apresentadas ao longo deste ensaio, a busca pela reflexão em torno dos valores e princípios da filosofia e moral, que historicamente foram se adequando e apresentando as reflexões em torno do sentido de humanidade e de dignidade humana: “Le llamamos *humanismo*, porque recoge, en lo esencial, los valores y principios de una corriente filosófica y moral” (VARIS; TORNERO, 2012, p. 20⁴).

Tal concepção vai além da visão renascentista, pois situa os valores contemporâneos ao sentido de humanidade. Nas palavras de Tapio Varis e Pérez Tornero (2012, p. 21): “[...] *nuevo porque se trata de ir más ala del recordatorio a um pasado y de una metáfora renacentista. Lo que perseguimos es situar los valores de la dignidade humana em el contexto actual de lá sociedade del conocimiento⁵*”.

Conforme apresentado, a concepção do Novo Humanismo retoma um sentido essencial da Filosofia, que é a problematização a partir do contexto no qual estamos inseridos. Como esse novo humanismo é refletido na educação? Será possível afirmar que esse Novo Humanismo já não estaria sendo vivenciado e/ou se transformado a partir de um Humanismo Digital?

Tapio Varis e Tornero (2012) nos apresentam a necessidade de repensar esse Novo Humanismo também em uma perspectiva que parte da análise da necessidade de situar a pessoa humana no centro da civilização midiática, diante das múltiplas mudanças técnicas e artificiais em que vivemos. Os referidos autores afirmam a necessidade de compreender o sentido crítico da inovação tecnológica, bem como a busca da autonomia crítica diante do contexto de globalização. “Así pues, una conciencia mediática lúcida y un nuevo humanismo son, hoy por hoy, cuestiones inseparables⁶” (VARIS; TORNERO, 2012, p. 48). Frente ao contexto desse Novo Humanismo apresentado por Varis e Tornero (2012), este remete às novas competências e consequências socioculturais, no contexto comunicativo, que é essencial para projetarmos uma esfera do Humanismo Digital. Observamos que a sociedade da informação possui, dentre

³ “[...] e isso só será alcançado com base numa filosofia e num quadro axiológico que coloquem a pessoa humana – e a sua realização – no centro do sistema tecnológico, comunicativo, social e cultural. É esta filosofia que chamamos de novo humanismo.”

⁴ “Nós o chamamos de humanismo, porque inclui essencialmente os valores e princípios de uma corrente filosófica e moral”.

⁵ “[...] novo porque se trata de ir além da lembrança de um passado e de uma metáfora renascentista. O que buscamos é situar os valores da dignidade humana no contexto atual da sociedade do conhecimento.”

⁶ Assim, uma consciência mediática lúcida e um novo humanismo são, hoje, questões indissociáveis.

os seus elementos, como consequência sociocultural, o predomínio da tecnologia na organização da sociedade.

Diante a essa localização do Novo Humanismo, e por conseguinte, como uma esfera do Humanismo Digital, o processo educativo também entra em uma nova dinâmica. Lê-se:

[...] y, por tanto, el nuevo currículo de alfabetización mediática que contiene— debe procurar acomodar *el entorno tecnológico* (Sur) a la *persona* y a sus *facultades propias* (Norte), dándole al ser humano la prioridad que se merece. Y, al mismo tiempo, debe situar a esta persona, este ser humano, entre *la exigencia de universalidad* —que se desprende de la *globalización* (Este)— y la *exigencia de diversidad* —que depende de las *comunidades de base* y de la *idiosincrasia personal* (Oeste)—. En estos ejes cardinales debe basarse el nuevo humanismo de nuestro siglo que la alfabetización mediática debe impulsar⁷ (VARIS; TORNERO, 2012, p. 122).

Além desse processo na forma de compreender o currículo, é essencial compreender tais transformações nas diretrizes que envolvem a formação de professores. Nesse sentido, o professor, segundo Varis e Tornero (2012), manterá as funções essenciais que sempre desempenhou, e irá adquirir outras, entre as quais pode ser destacada a formação continuada, o conhecimento das tecnologias digitais, o compartilhamento de conhecimentos com os colegas e o relacionamento com os estudantes nas habilidades digitais.

A segunda concepção que dá sentido ao Humanismo Digital também deve ser estudada a partir da vivência cibercultural. Lévy (1999) nos apresenta uma dinâmica de sentidos e entendimento da relação sociocultural que vivenciamos na educação contemporânea e que sustentará aqui o Humanismo Digital.

A partir dessa compreensão, não podemos deixar de dialogar na educação as transformações tecnologias tecnológicas junto à sociedade. Em um mundo de interconexões, entre o físico e o digital, a tese de que vivemos um Humanismo Digital é nossa proposta para repensar os processos, também, da educação contemporânea.

O momento de aprendizado precisa considerar um estudante que vivencia uma Humanidade Digital. Essa forma de viver constitui um humanismo digital no fazer pedagógico. Quem desconsiderar esse fato sociocultural e cibercultural está desconsiderando a forma de educação no contexto do século XXI. Por isso, é preciso nos debruçarmos na proposta de

⁷ [...] e, portanto, o novo currículo de alfabetização mediática que contém — deve tentar acomodar o ambiente tecnológico (Sul) à pessoa e às suas próprias faculdades (Norte), dando ao ser humano a prioridade que merece. E, ao mesmo tempo, deve situar esta pessoa, este ser humano, entre a exigência de universalidade —que emerge da globalização (Oriente)— e a exigência de diversidade —que depende das comunidades de base e das idiosincrasias pessoais (Ocidente). -. O novo humanismo do nosso século que a alfabetização mediática deve promover deve assentar nestes eixos cardinais (VARIS; TORNERO, 2012, p. 122).

entendimento do que chamamos de Humanismo Digital, no sentido humanista da prática docente, e sua relação de ensino e aprendizado com o estudante que está imerso neste cenário de cibercultura.

Inicialmente, Lévy (1999) nos apresenta um neologismo denominado de “Cibercultura”. Vinculada ao contexto social educativo, a cibercultura, então, nos provoca um vivenciar de novas relações humanas que estão “inter” e “intra” relacionadas aos processos educativos que vão além de uma exclusividade física da sala de aula.

Nesse resgate ao sentido da expressão cibercultura, Lévy (1999) especifica o conjunto de técnicas (materiais e imateriais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Seria, então, possível repensar a organização escolar a partir desse contexto de cibercultura, no qual as relações pedagógicas de aprendizagem estão imersas, não sendo mais permitido imaginar uma desvinculação dessa dinâmica social no agir educativo, no qual o sentido da docência é ressignificado?

Ao analisar esse sentido social da cibercultura é possível afirmar que a origem da cibercultura está vinculada por uma convergência entre o social e o tecnológico. Lemos (2020, p. 92) afirma: “A cibercultura não é uma cibernética da sociedade, mas a tribalização da cibernética”.

Também revisitando Lévy, conhecemos a ideia de ciberespaço e sua relação com a cibercultura. Nas palavras de Lévy (1999, p. 17): “o ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão global de computadores”.

Ao pensar essa projeção do estudo da formação docente no ambiente de cibercultura, a compreensão de ciberespaço nos desperta a dinâmica educacional perante o exercício de diferentes elementos que circundam seu fazer cotidiano, no qual a ambiência tecnológica gera novos espaços de construção de relações e vivências.

Dessa forma, também podemos observar as influências culturais que essas mudanças trariam na própria identidade docente e de sua prática pedagógica. Estabelecendo tais relações na construção e definições entre cibercultura e ciberespaço e suas relações pedagógicas, podemos, ainda, nos questionar sobre o sentido que o agir pedagógico ganhará e seus novos rumos frente ao Humanismo Digital, tanto pelos processos “disruptivos” na vivência humana

balizados pelas inúmeras transformações das tecnologias digitais como a experienciada pela pandemia da COVID 19⁸.

Mediante as transformações recorrentes e consequentes de uma reconfiguração do que chamamos de Humanismo Digital nas relações humanas, temos efeitos resultantes desse movimento de cibercultura, aliado ao que Lemos (2020) nos apresenta como interatividade digital. Para o autor, essa forma de interatividade é um tipo de relação tecnossocial e, nesse sentido, podendo influenciar e desencadear uma mudança no comportamento do usuário.

Lemos (2020), ainda, ressalta sobre as barreiras físicas, que já estariam sendo superadas com a ideia dos interlocutores virtuais e uma relação não mais passiva ou representativa e, sim, ativa pelo princípio de simulação.

Podemos, então, nos perguntar: Não estaria aqui o Humanismo Digital se apresentando a partir dessa mudança na forma das relações humanas? E na educação, esse Humanismo Digital não provocará fortes transformações na forma de compreender os processos de ensino e de aprendizagem?

Na tentativa de ampliar o sentido das implicações do Humanismo Digital na educação é importante aprofundarmos o sentido desse contexto de cibercultura de Levy. Como afirma: “É impossível separar o humano do mundo material, assim como dos signos e das imagens e dos signos por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo” (LÉVY, 1999, p. 22).

A cibercultura traz elementos que ressignificam o sentido humanitário das relações humanas nas suas diferentes apresentações, tempos e níveis de abrangência. Alimentar essa reflexão nos possibilita ao pensar pedagógico sobre as vivências educativas dos diferentes níveis e contextos de construção das dimensões desse Humanismo Digital.

Diante das reflexões, procurando dar sentido ao entendimento de Humanismo Digital, nos cabe entender essa proposição, também, a partir do sentido da complexidade humana de relações, no qual o pensador Edgar Morin (2001) nos apresenta um entendimento da complexidade das relações humanas no mundo contemporâneo.

O Humanismo Digital, no processo de sua constituição e existência, está presente em um terceiro viés, que envolve a complexidade. Os elementos humanitários dessa concepção são apresentados pela teoria da complexidade proposta por Edgar Morin (2001).

⁸ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório” (MINAS GERAIS).

O ser humano enquanto ser humano é um ser racional, mas não se resume a esta racionalidade, tendo que ser visto na sua complexidade, sendo de fundamental importância a prática vivencial na qual o indivíduo está inserido. Ou seja, é preciso que seja possibilitado um posicionar-se frente à realidade.

Transpõe-se, também, nesse viés de reflexão, as perspectivas da incerteza e da curiosidade, do mesmo modo a visualização do ser humano em sua complexidade. A contextualização do conhecimento e o caráter multidimensional do agir humano possibilitam a visualização do aprendizado com a vivência no mundo, que, segundo Freire (1996), tem por base o aproveitamento dos saberes e das vivências dos estudantes.

Em sua teoria, Morin (2011) identifica a importância de repensar a construção do conhecimento tendo por referência o contexto global e complexo para mobilizar o que o homem conhecedor sabe do mundo. Nesse intuito, o Humanismo Digital se reinventa nas complexas relações ciberculturais.

Sendo compreendido em complexidade, poderemos entender o estudante que vivencia processos diferentes de tempo e espaço de aprendizado, de comportamento e de atitudes. Não é possível desconsiderar a complexidade humana que perpassa o mundo da vida do estudante, como parte desse Humanismo Digital.

O que é necessário entender no processo educacional é que não se pode negar a existência desse Humanismo Digital na educação contemporânea. Pelo contrário, é preciso compreendê-lo e entendê-lo cada vez mais, de forma que o sentido do fazer pedagógico se estabeleça concatenado à realidade do estudante enquanto elemento de transformação e mudança. Educar no século XXI é educar a partir do Humanismo Digital, espaço em que as redes dialogam e os sujeitos interagem e aprendem.

Considerações finais

A educação que busca pela humanização dos sujeitos deve voltar seu olhar para a importância da relação dialógica, isto é, de uma construção no processo de aprendizagem pautada pela valorização da construção que o educando tem ao longo de sua vida.

Nossa proposta foi de que essa construção educacional ocorra a partir do entendimento do Humanismo Digital. Um olhar de vivência humana, que pode ser entendido a partir da intersecção de três conceitos fundamentais: Novo Humanismo, Cibercultura e Complexidade. O Humanismo Digital, como forma de vivência sociocultural, ao ser entendido despertará para

um olhar diferenciado ao processo de formação docente, no qual o ensino e aprendizagem fomentem o desenvolvimento de competências e habilidades para que respondam às novas vivências humanas, no contexto de um mundo híbrido (físico e digital).

Educar é interrogar-se sobre os fins que almejados, sobre o valor dos acontecimentos e sobre as possibilidades do agir. Portanto, a compreensão do Humanismo Digital provoca o despertar dos fundamentos que dão suporte epistemológico ao processo de formação humana. O discernimento sobre as possibilidades do Humanismo Digital no contexto educacional contemporâneo tem seu sentido a partir dos fundamentos filosóficos, quanto ao sujeito pedagogicamente ativo. A compreensão do Humanismo Digital tem por base o novo humanismo, o contexto de cibercultura e a complexidade humana.

O Humanismo Digital possibilitará uma reconstrução no processo de formação educacional, um aperfeiçoamento contínuo da práxis pedagógica e o necessário enriquecimento intelectual do processo educativo. A partir da teoria e prática, os fundamentos do Humanismo Digital interpõem a concepção de formação integral do estudante, demonstrando os caminhos para que ele possa conhecer-se e vivenciar o mundo cibercultural no seu entorno sociocultural.

A começar das concepções de Varis e Tornero (2012), o sentido de um Novo Humanismo é contextualizado e remete a repensar o sentido formativo docente diante ao novo discente, mas que é fruto de um contexto de disrupções intensas da sociedade global e conectada. O Novo Humanismo requer um profissional que guie suas práticas docentes não deixando para trás as vivências já consolidadas ao longo de sua formação, mas que entenda a dinâmica que os novos tempos desafiam no ato de educar no contexto contemporâneo.

A perspectiva do processo de alfabetização midiática pensada por Varis e Tornero (2012) remete a toda uma reestruturação na forma de compreender a educação contemporânea e dá base ao que chamamos aqui de Humanismo Digital.

Entendemos que esse processo educacional não é simples ou fragmentado e, por isso, precisa ser entendido em complexidade. A terceira interface do Humanismo Digital é compreendida pela teoria da complexidade de Edgar Morin (2001), na qual o ser humano é visto em sua integralidade e a educação precisa dialogar com o mundo de relações que é a existência humana.

Sendo assim, pode-se dizer que o estudo apresentado sobre o Humanismo Digital procura ampliar as possibilidades de compreensão de um sentido epistemológico para as práticas educativas no contexto das múltiplas relações humanas com as tecnologias digitais.

Buscamos aprofundar o sentido de um Humanismo Digital, por meio da compreensão de um novo humanismo, da cibercultura e da complexidade das práticas educativas. A partir do espaço cibercultural complexo, as vivências educacionais de docentes e discentes coexistem com um Humanismo Digital. Em síntese, educar na contemporaneidade é educar a partir do entendimento do Humanismo Digital.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1997.
- DALBOSCO, C. A. **Kant & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MINAS GERAIS. **O que é o novo coronavírus?**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/perguntaserespostas>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários a Educação do Futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- REALE, G. **História da Filosofia: Do humanismo a Kant**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo. A imaginação: Questão de método**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- VARIS, T.; TORNERO, J. M. P. **Alfabetización Mediática Y Nuevo Humanismo**. Barcelona: UNESCO, 2012.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Agradecimento ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da URI – Campus Frederico Westphalen.

Financiamento: Não há fomento institucional.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeita todos os procedimentos éticos.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável

Contribuições dos autores: O autor Fernando Battisti contribuiu com a base teórica do artigo a partir da pesquisa nos autores e objetivos da proposta do artigo. A autora Elisabete Cerutti fez a correção e orientação da pesquisa apresentada.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

